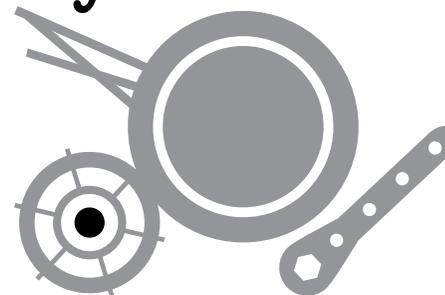




miguel cardoso



viveres

COORDENADOR DA COLECÇÃO
PEDRO MEXIA

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXVI

© 2016, Miguel Cardoso
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A,
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29/30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Viveres*
Autor: Miguel Cardoso
Coordenador da coleção: Pedro Mexia
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china (P. Serpa)
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Julho de 2016

ISBN 978-989-671-326-3
DEPÓSITO LEGAL N.º: 412105/16

Esconderam os deuses o alimento aos homens.
Caso contrário, facilmente e em um dia trabalharias
De modo a teres subsistência para um ano, mesmo ocioso.

...

Rodeado de abundância, chegarás à clara Primavera

HESÍODO, *Trabalhos e Dias*

O mar é tão grande
E o mundo é tão largo
Maria Bonita
Onde vamos morar

ZECA AFONSO, «Canção do Desterro»

Então passou o tempo e as curvas
E os caminhos trouxeram-nos aqui

Um lugar onde dar voltas em torno

Então espalhar-se pelos bairros.
Tomar de assalto Tunísias caseiras.
Desmanchar povoados, linhas férreas, calendários.
Ocupar os tempos que estiverem vivos.

Tomar conta uns dos outros.

Começar por algum lado. Parar. Onde houver redor
dos pés e cheiros. Sob céus estranhos. Ouvir. E ver,
se alguma luz houver. Envolver-se em panos negros.

Cambaleiar por entre as linhas da lei das rendas. Lançar
cuspo sobre os reinos da terra. Estender as mãos. Com
carvões acesos elevar a voz. Devorar-se vivo. No lugar.

Rasgar teoremas, carnes, laranjas maduras. De manhã partir.
Levar nos bolsos preciosidades, fios, ruínas, espinhos, terra,
covardias, pequenos purgatórios, bagos de arroz, colheres,
anzóis, molhos inúteis de chaves, tempos, prodígios vários.
Correr atrás de todos os rostos. Cansar-se. Abreviar os dias.
Anoitecer, sustar a respiração. Perdurar. Livrar-se da língua
materna. Produzir sons. Não ter nada a dizer sobre si mesmo
senão que haverá algo atrás de algo. Talvez. Estes solavancos.
Isto. Algo a arder de alto a baixo. Estar assim rodeado ainda.
Esgueirar-se pelo ângulo morto de claros inimigos imaginados.
Amontoar-se para passar a noite a salvo, aqui. E amarrar-se
a correntes e cadeados, como as cadeiras e mesas de esplanada.
Esperar e então seguir o rasto das iluminações eléctricas. Chegar
a casa. Bem. Uma casa. Onde clarear porque vem ao antebraço
o fruto de candeeiros. Ficar por cá. Onde houver à mão um ferro
atravessado, quatro cabides. Povoar. Aprender então os costumes.

Acender-se, apagar-se, vestir-se de cores. Levantar os olhos. Ver
em volta. Cinzeiro. Copo. Roupa de cama. Estar vivo agora, depois
de tudo. Reunir forças, que já hoje me perdi em futuros tanta vez.
Guiar gerações até ao próximo Universo? Entreter possibilidades?
Estar encostado. Pôr ali a cabeça. Pôr onde a cabeça. Instruções.
Aceder a almofadas altas. Cobrir-se. Vibrar como corda de nervo
na água fria corrente. Verter sol em ferida aberta. Tumultos sim
mas doçura da alvorada? Dentro de circunstâncias. Arrebatada
imagem esta de pracetas que se sonham prados depois dos pés.

Extinguir-se. Enfim. Haver hoje uma almofada. Ouvir dentro dela o idioma das tábuas, fugas de gás. Salários a chegar ao fim. Cortar o ar, e cortar, sem benefício, que não abre. Abrir pois a boca. Entornar tinta viva. Gargarejar. Comer cuspo às cegas.

Falar? Mas com que língua
daria eu uso aos meus apetites?
Não. Morder. Outra vez. Morder.

Faço progressos a roer o chão encerado.
Tem mel, como os sofás de mais uso.

Apagar-se. Amanhecer amanhã. Triunfar.

Amanhã.

Quem perder tudo ganha

um jogo de lençóis
lâmpadas quase eternas
um fogão gás de bilha ou cidade conforme
um clássico do materialismo histórico edição revista
um passe social
um novo fôlego
a separação cirúrgica entre signo e referente
um punhado de cinzas lá para o fim

e ainda
uma infância reinventada
um incêndio em memória à escolha

ANEXO DOCUMENTAL

Podes dormir onde quiseres desde que me libertes a cama na quarta-feira (devo chegar pela meia-noite). Se quiseres ficar no quarto de casal, para ficares descansado tens de puxar a cómoda para trancar a porta que dá para o escritório e os gatos não entrarem.

- *Os miúdos devem passar por casa por volta das seis de segunda-feira, para apanharem as coisas da natação. A A. está devidamente instruída para tocar à porta antes de meter a chave. Mas é um bocado distraída.*
- *Quinta-feira vou chegar também tarde, lá para a meia-noite, que tenho de ir a Leiria. O Z. também chega na quinta-feira, ainda não sabe as horas.*
- *Os miúdos chegam no sábado (sexta vou chegar à meia-noite, que tenho de ir ao Porto).*
- *A minha mãe está avisada, mas é capaz de passar para tratar dos gatos. Dir-te-ei mais ou menos quando será assim que souber.*

Peço-te que ponhas água aos gatos de vez em quando (basta despejar lá um copo de água). Quando a areias, não te preocupes.

Se puderes, tem cuidado com a porta da rua a bater (a senhoria anda zangada com os vizinhos que fazem isso a altas horas, não somos nós, mas não custa ter cuidado).

Se te lembrares, rega-me a hortelã e o basilico (em cima da estante dos livros de receitas), por favor. Também há poejo na varanda de trás (vaso pequeno) que requer água frequente.

Há muita coisa no frigorífico, para variar. Serve-te à vontade que é um favor que nos fazes.

Há lençóis de criança no quarto da A. (móvel, à vista).

Toalhas limpas na casa de banho, à vista.

Embora escrito, em grande parte, entre Fevereiro e Maio de 2016, este é um livro de, e entre, várias vidas. E várias ruas: Rua da Verónica, Rua Maria, Rua dos Douradores, Rua Damasceno Monteiro, Rua do Mirante. Às pessoas destas minhas ruas, destas minhas vidas, moradores e passantes, obrigado.

Ao Xavier, onde moro.

Partes da última sequência («Nós, deste tempo, avessos») foram publicadas previamente, com algumas diferenças, nas seguintes publicações:

- *Intervalo* n.º 6 (O Mundo) (2013)
- enfermaria6.com (14 de Maio de 2014)
- AAVV, *40 X Abril*, Abysmo (2014)
- Maria Carolina Fenati (org.), *Gratuita* v. 2: «Tomo I — Atlas», Chão da Feira, 2015.
- AAVV, *Hidra*, Língua Morta (2015)

A edição de Hesíodo citada em epígrafe, e a que vários versos ao longo do livro fazem alusão, é *Teogonia. Trabalhos e Dias*, INCM (2014), em tradução de José Ribeiro Ferreira. Na sombra, embora à vista, ficam outras obras de que o livro se alimenta, que cita, ecoa e evoca.

ÍNDICE

Então passou o tempo 7

Não sei / se tenho inimigos 39

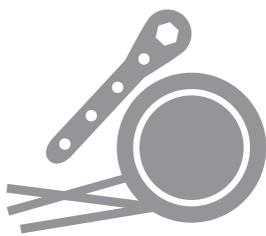
Que sinais deixar na porta 85

Dizem que Zeus 101

Nós, deste tempo, avessos 131

Voltar ao início 165

Anexo documental 171



VÍVERES
de Miguel Cardoso
foi impresso pela Guide, Artes Gráficas,
em papel Coral Book de 90 g,
em Junho de 2016.